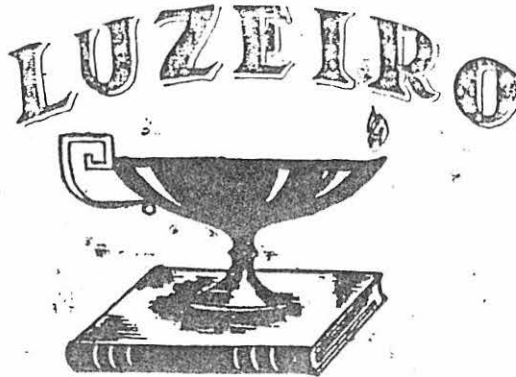
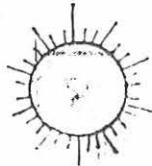


Laurentus
Luiz Boschetti



CIÊNCIA - FILOSOFIA - RELIGIÃO

O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela Editora "O LUZEIRO" Ltda.

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

SUPERVISOR:

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

SECRETÁRIO:

Dr. Guedes Pereira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados são de responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

- Os sete Auto - Gerados
- A Musica
- A Radioatividade e a vida
- Os seis sistemas de Filosofia Indú
- A Profecia da Pirâmide
- Efemérides
- Conselhos Uteis
- A tradição Primordial
- Crise na Historia
- Ciência e Sabedoria

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL
Representação em SANTO ANDRÉ (Est. de S. Paulo - E. F. S. J.) - Av. Industrial, 52

OS SETE AUTO-GERADOS (1)

LAURENTUS

O poeta do futuro, imaginado por Carolina Coronado, cantar-nos-á as excelências do espectroscópio e da fotografia.

O primeiro prisma dispersivo teve a propriedade de nos apresentar as cores por decomposição da luz solar. O segundo, mais poderoso, deformou o primeiro por meio de manchas, prejudicando — através de raios negros — semelhante beleza. Isto provocou nova revelação, novo encanto do desencanto, nova divinização dos defeitos. A química do Sol e dos outros astros dava entrada, desse modo, nos laboratórios, para depois se afirmar a história das idades das estrelas, e, atualmente, seus movimentos, ou aproximações e afastamentos. Verdadeiras bibliotecas foram escritas seguindo os raios de Franhauffer. Deixemos de lado o sugestivo e interessante papel do Sol, para contemplarmos, de passagem, os rutilantes planetas, que, em verdade, «são os portentosos filhos daquele», segundo está apontado em uma das estâncias de Dzyan, um dos livros mais antigos do mundo: «Do Uno-Trino surgiram os sete auto-gerados»...

Assim como os sete planetas nasceram do Sol central, formando um sistema, surgiram «os Sete Arcanjos diante do Trono» (ou «Anjos de Presença»), isto é, Aquêles que contemplam o Sol dos sóis, o Sol Oculto, Sol Espiritual, Deus, Jeová, Supremo Arquitéto, Unidade donde tudo procede, etc., etc.

Esta é a verdadeira interpretação do que está exposto na referida estância do livro de Dzyan, porque Uno e Trino em essência e manifestação, e Sétuplo em evolução, é Aquele Sol ou Unidade anteriormente apontada. Sétupla manifestação, repetimos, porque a Mônada (2) é obrigada a evoluir através de «sete estados de consciência, desenvolvidos nas sete etapas evolutivas. (Cada uma compreende uma volta completa ou Ronda em torno da cadeia planetária. Em cada globo se desen-

volem sete raças com as respectivas sub-raças, formando um ciclo menor. O período de uma Ronda completa é denominado Manuântara ou Manvântara). Esta é a razão pela qual o número de maior expressão cabalística é o 137: o Um da Unidade Imperecível; o Três da sua manifestação; e o Sete da sua evolução... Na arte musical, como expressão do Heptacórdio Divino, temos as sete escalas, cada uma delas composta de sete notas, através das quais desliza um acorde perfeito, que sendo formado de três notas, equivale ao da referida Mônada. E isto nos esplendor iniciático de Harmonia, Melódia e Ritmo.

E' por isso — embora êle o desconheça — que o nóvel astrônomo fica extasiado com a marcha do Sol pela abóbada celeste, levado pela ilusão da perspectiva, isto é, pelo que aprendeu acêrca dos movimentos dos planetas em torno do astro-rei. Foi este, aliás, o maior obstáculo que tiveram que remover Copérnico e Kepler, diante da velha mecânica geocêntrica.

Vênus e Mercúrio, em lugar de girar como a Lua, não fazem mais do que passar da direita para a esquerda (e vice-versa) do Sol, em oscilação completa de uns dezoito meses o primeiro, e cinco, o segundo. Já Marte, Júpiter e Saturno, parecem marchar em direção das constelações zodiacais, como o faz a Lua, porém, com a notável diferença de que, nas proximidades de se apresentarem do outro lado do Sol, detêm a marcha da direita para a esquerda, retrocedem, deslocando uma boa parte da marcha anterior, e, passada a oposição com o Sol, seguem o caminho primitivo, deixando por traço indelével no firmamento, algo semelhante a uma rúbrica. Qualquer tratado de astronomia que se consulte, explicará o fenômeno, embora de um modo sintético, pois o observatório — onde quer que esteja na Terra — gira como aqueles planetas em torno do Sol, embora com diferente velocidade.

A MÚSICA (*)

ALGUMAS DE SUAS INFLUÊNCIAS E APLICAÇÕES

«No princípio era o Ritmo» — proclamou Hans de Buelow, parafraseando a Bíblia, no intuito de assinalar quanto o ritmo constitui fenômeno preliminar do Universo. De fato, está na essência de todas as coisas. Os corpos celestes descrevem órbitas, trajetórias geométricas, obedecendo a determinados ritmos e realizando a «Harmonia das Esferas» na expressão de Pitágoras. Alternância de estações, sucessão dos dias e das noites, ciclos lunares, variações das marés, fenômenos meteorológicos, estão subordinados a ritmos suscetíveis de serem ordenados dentro de leis, conforme nos ensinam a geologia, a mineralogia, a física, a química, as ciências da natureza. A matéria encerra um ritmo microscópico de movimentos atômicos — lembrando a trajetória dos astros... Os seres vivos também estão ligados a ritmos, graças aos quais os fenômenos da vida podem ser enfiados dentro das leis biológicas. Todos os organismos vivos necessitam e possuem o ritmo nas suas funções, pois, do contrário, estariam fadados ao imediato aniquilamento. No homem, o mais diferenciado dos seres vivos, tornam-se mais complexos e sutis os ritmos indispensáveis às atividades do indivíduo: ritmo nos atos do amor e da procriação, na multiplicação das células e dos tecidos, no desenvolvimento embrionário, na gestação e no nascimento, no crescimento físico e mental da criança, nas fases da respiração, da circulação, da digestão, das secreções e das demais funções orgânicas, no ciclo menstrual da mulher, no dinamismo nervoso e humoral, na marcha das operações mentais, nas alternativas de agitação e de repouso, de vigília e de sono, nas estações da vida em cada indivíduo... Daí a sobedoria de Aristoteles haver consignado: «O ritmo é próprio do homem». Finalmente, as obras dos seres vivos, na superfície da terra, expandem-se de acordo com ritmos. O ritmo se incorpora a todas as concepções humanas, no domínio das artes, das ciências, das indústrias, do comércio e de toda a civilização. Daí a universalidade do ritmo das coisas e, como corolário, da possibilidade de enfiá-las dentro de princípios matemáticos. Pitágoras definiu: «O Universo é o número».

De acordo com a regra universal, o som constitui uma atividade rítmica: produz-se à custa das rápidas oscilações impostas a um corpo elástico por uma excitação qualquer, e se propaga em consequência de tais movimentos vibratórios (desencadeados no corpo elástico), acarretando um abalo sucessivo das moléculas de outros meios elásticos circundantes, sólidos, líquidos ou gasosos, inclusive o ar atmosférico. O som, por conseguinte, é uma série de vibrações provocadas em corpos elásticos e transmitidas aos meios elásticos vizinhos. Quando tais vibrações, comprovadas em gráficos, são rigorosamente regulares, obtém-se o «som musical» e, em caso contrário, o «ruído». O som musical, suscetível de distinguir-se empiricamente do ruído da vida diária, se subordina, portanto, a uma exigência de medida. Dessa maneira, a música constitui inicialmente, não só problema de física, mas de matemática. «A música é um exercício inconsciente de cálculo» definiu Leibnitz.

Subordinada à medida, a música encerra, como elementos constitutivos, não só a melodia e a harmonia, mas, acima de tudo, o ritmo, o mais primitivo de seus componentes. A propósito da música, como expressão de ritmo, discorre Llongeras:

«Embora o ritmo seja como o pulso da criação inteligível e o regulador da vida no mundo, desde as revoluções dos astros, dos dias e dos anos, até a simetria das figuras matemáticas e até o próprio número par ou ímpar, que marca o compasso universal, embora sejam obedientes às suas leis, todas as coisas e todos os elementos executam movimento periódico e compassado; tudo vibra, ondula, cai e levanta. Embora o ritmo se encontre na imóvel arquitetura, no equilíbrio das linhas, no acento e na cadência dos versos, na linguagem e na poesia, apesar disso, onde sua manifestação é mais nítida, mais direta, mais compreensível, é na música, pois da música, poderíamos dizer que é o ritmo na sua própria essência e no seu símbolo mais vivo e expressivo; e do ritmo, por sua vez, que é o elemento fundamental, o elemento fisiológico da música».

A música é um ressoador, diz Ingenieros, que reforça, intensifica em cada alma aquilo que já existe nela. A música se limita a exaltar o que já houver latente no ouvinte, e, nessas circunstâncias, provoca o transbordamento das emoções mais ou menos refreadas no indivíduo. Sob a ação do ritmo musical, despertam-se e alvoroçam-se, no ouvinte, instintos e sentimentos, emoções e paixões, alegrias ou tristezas, heroísmo e receios, enternecimentos e coléras, convicções e dúvidas, angústias e obseções, em suma, as camadas mais profundas e adormecidas da afetividade são agitadas de modo indefinido, e, não raro, de modo surpreendente para o próprio indivíduo. A música provoca descarga de emoções — como diz Nietzsche, provoca o despertar de outros estados de consciência, exalta, revela-a, proclama-a, fá-la exteriorizar-se, reflete-a, repete-a em eco, dá-lhe a imagem, designa-a, publica-a, descreve-a. Para todos que a escutam, reveste-se de sentidos variáveis de acordo com os temperamentos dos ouvintes. Será sexual, para os de temperamento voluptuoso, religiosa para os místicos, e assim por diante.

Segundo Freud, todo o indivíduo que deixa de realizar certos desejos, por serem reprovados pela moral ou «censura», recalca tais desejos com tanta eficiência a ponto de esquecê-los. Estes desejos assim recalcados se tornam «inconscientes». Mas, apesar de ignorados pelo próprio indivíduo, os «recalques», reunidos sob a forma de «complexos», continuam a interferir na sua conduta. Em certas eventualidades, chegam a impelir o indivíduo às neuroses e à prática de crimes quando ocorre o relaxamento da censura, e os impulsos recalcados aproveitam a oportunidade para exteriorizarem-se, embora camuflados, ou seja, através de «símbolos». Isto acontece no curso do sono, sob a forma de sonhos e no estado de vigília, em instantes de distração, sob a forma de equívocos, lapsos, fiascos, trocadilhos, anedotas, tic, gestos, etc... O álcool, o éter e outras substâncias inebriantes, assim como o hipnotismo, seriam recursos capazes de afrouxar a «censura» e favorecer a expansão dos impulsos inconscientes, promovendo assim uma «purgação de idéias» ou seja, uma «catarse». A música, também tem o privilégio de burlar e relaxar o controle da censura, de modo a permitir, através da obra de arte, a satisfação, embora simbólica e, portanto, frusta de desejos recalcados, constituindo esse processo de catarse, a «sublimação».

De acordo com a psicanálise, sob a pressão da censura, o indivíduo acumula recalques no inconsciente,

A RADIOATIVIDADE E A VIDA

Henrique Tschelnitz

Entre os problemas eternos das ciências naturais encontra-se a questão de saber como e quando a matéria viva pôde originar-se da matéria inanimada.

Como é do conhecimento geral, a vida sempre provém da vida. Sôbre a sua origem, porém, a opinião dos sábios é contraditória. Alguns acreditam que a matéria viva sempre existiu independente da matéria inerte. Outros que a vida se formou da matéria bruta milhões de anos atrás e em condições desconhecidas. No primeiro caso não se pode esperar uma futura possibilidade de se produzir artificialmente uma substância viva. No segundo caso esta possibilidade existiria se, por coincidência, estas condições primitivas se apresentassem no laboratório. Os estudiosos desta idéia apolam-se em analogias, às vezes magníficas, entre os organismos mais simples e certos sistemas inorgânicos. Pode, por exemplo, observar-se numa substância de «cristais líquidos» a espontânea divisão de um cristal em dois, muito parecido ao processo da divisão de uma améba em duas. É digno de nota que exclusivamente as combinações organo-químicas macromoleculares apresentam a tendência de formar cristais líquidos, fato este que oferece um paralelo em relação às albuminas macromoleculares do protoplasma. Que sabemos, na verdade, destas moléculas e dos átomos dos quais eles se compõem?

Após a descoberta da radioatividade, os físicos empenharam-se em inventar modelos mecânicos dos átomos, modelos esses que chegaram, então, a satisfazê-los em parte. Mais tarde, porém, os cientistas foram forçados a abandonar o reino da imaginação para encaminhar o raciocínio acerca dos processos atômicos às esferas abstratas da matemática. A biologia ficou na esfera concreta; a última partícula viva é a célula. Mas uma célula, sob o ponto de vista físico-químico, é uma formação de bilhões de moléculas.

Ainda mais: uma molécula de albumina protoplasmática abrange, mais ou menos, mil átomos a se moverem continuamente. Ela, por isso, muito provavelmente emite energia. Sôbre o caráter autônomo destes processos, na esfera da matéria viva, com os mil milagres da geração e da evolução predeterminada, não sabemos quasi nada. Todos os termos filosóficos, tais como «força vital», «entelequia», etc., não passam de expressões vazias e inexplicáveis. Mas eis que surgiram alguns caracteres similares nos processos radioativos.

Na lista dos elementos, em ordem crescente dos seus pesos atômicos, os elementos radioativos que possuem a qualidade da desintegração espontânea, encontram-se nos últimos lugares. Com os pesos atômicos mais altos, eles possuem também as estruturas mais complicadas. A sua instabilidade se rege por leis estatísticas que permanecem inalteráveis e inatingíveis por quaisquer condições exteriores, e revela, então uma autonomia oculta. Assiste-nos, pois, certa razão para supôr que, devido à sua estrutura densa, as moléculas de albumina protoplasmática nas células orgânicas «irradiam» de certo modo. A idéia que tais irradiações celulares existem, não é menos compreensível do que o fato de estas mesmas células emitirem energia de outra natureza, tal como o calor, a luz e a eletricidade, que são fenômenos bastante conhecidos. Isto viria dar também uma nova significação a uma hipótese de J.

Stoklasa, segundo a qual o advento das primeiras substâncias orgânicas, dentro da matéria inorgânica, teria ocorrido logo depois do esfriamento da crosta terrestre, por meio de uma radioatividade primitiva e poderosa. A teoria da radioatividade provou claramente que a terra se acha incluída num processo de desintegração geral do universo. Pode, por isso, supôr-se que aquelas condições desconhecidas que deviam ter existido no momento de uma eventual «geração primária» fossem caracterizadas por imensas energias radioativas que reinaram na infância da nossa terra. Disse Stoklasa ser o rádio que insuflou a vida na «célula inorgânica».

Deve levar-se em conta a construção delicada com a qual a natureza equipa os seres vivos. Compreende-se que estes supostos processos organoradioativos ficam e muito provavelmente ficarão fóra da alçada de qualquer comprovação experimental. Não obstante, o homem nunca cessou e nunca cessará de pensar sôbre os últimos problemas.

O poeta H. Heine nos pintou a figura de um moço que evoca as ondas do oceano, afim de que elas lhe revelem o segredo da vida, sôbre o qual quebraram a cabeça os filósofos de todos os tempos.

A questão do que seja a vida é provavelmente inexplicável. Provavelmente, mas não certamente. O fato de que tais estruturas orgânicas por enquanto não puderam ser artificialmente provocadas nos laboratórios bioquímicos, não exclue a possibilidade teórica de serem descobertas algumas daquelas condições exteriores que provocaram a primeira síntese. Disse o biologista Bengt Lidfores: «Se tornamos presentes os imensos processos que a bioquímica já obteve nos últimos anos e provavelmente ainda obterá, se lembrarmos os fenômenos surpreendentes que em primeiro lugar Rhumbler nos apresentou em imitações de certos processos vitais, se considerarmos, finalmente, que a completa ciência da vida ainda permanece inexperimentada, pôde-se compreender que mesmo um cientista crítico facilmente se habituará à uma disposição de espírito, na qual êle não mais toma por mera fantasia insensata o pensamento de uma produção artificial dos mais simples seres vivos».

Há apenas cinquenta anos que nossa concepção da matéria em geral mudou inteiramente e determinou uma prudência muito grande em relação aos acontecimentos naturais. Sabemos indubitavelmente bastante mais do que os materialistas do século XIX. Logramos levar bem adiante os limites que os homens e épocas passadas supunham intransponíveis. Mas, dentro desses novos limites muita coisa há que ainda não compreendemos, fenômenos além de qualquer imaginação e somente acessíveis à especulação matemática. Sendo assim, não parece demais crêr que não exista uma matéria puramente inorgânica, bem que nos faltem ainda sinais para uma confirmação, por causa de sua extrema raridade.

Com cada centímetro cúbico de ar que respiramos, assimilamos trinta e três milhões de trilhões de moléculas, das quais somente setecentos se encontram naquele estado particular que denominamos «ionizado». Por certos motivos, por exemplo, pela radioatividade da atmosfera, uma porção das moléculas perde um elétron. Estas moléculas não são mais neutras, mas, eletricamente carregadas e ativas. Chamam-se «ions». En-

CONT. DA PAG. 38

A MÚSICA

mas, um dia, em virtude de ser um temperamento fadado a exprimir-se por sons, experimenta a necessidade súbita de aliviar-se da carga afetiva, reprimida, por meio da música. Neste momento, em que se esforça para desabafar os recalques através de formas simbólicas, experimenta uma crise de angústia como se fosse vítima de um parto espiritual — eis a «Inspiração» — então torna-se presa de um intenso estado emocional, seguido de concomitantes estados físicos, muitas vezes espetaculosos a ponto dos antigos, com Platão a frente, suporem que os artistas, no momento de inspiração, fossem acometidos de uma espécie de possessão transitória. O mesmo fenômeno pode ser observado com determinados ouvintes.

O compositor Berlioz, assim confessava sentir-se na presença da música: «Ao ouvir certas peças musicais, parece que os meus princípios vitais imediatamente se duplicam. A emoção que cresce em proporção direta da força e da grandiosidade de idéias do compositor, determina logo uma estranha agitação de meu sangue; as pulsações se tornam mais violentas; as lágrimas que geralmente anunciam o fim do paroxismo, não são outras vezes senão o sinal precursor de crise muito mais intensa. Neste último caso, sobrevem uma contração convulsiva dos músculos, um tremor de todos os membros, uma parálzia das mãos e dos pés, certa perturbação do nervo ótico e do auditivo. Então não vejo coisa alguma e mal posso ouvir»...

O musicólogo Mario de Andrade, ao assistir num carnaval em Recife, as melodias e as danças do Maracatú do Leão Coroado, relata: «Senti um mal-estar doloroso, a respiração opressa, o sangue batendo na cabeça como um martelo e uma tontura tão forte que vacilei. Senti a respiração faltar, e cairia fatalmente se não me retirasse afobado daquele círculo de inferno».

Entre os negros africanos atuais, a música ainda não se libertou do ruído e, portanto, em fase primitiva de evolução, figura em conjunção com o canto e a dança, nos ritos de iniciação, de casamento, de trabalho, de guerra, de vitória, de morte, etc.. Conforme observa Chauvet, os negros, sob a ação da monotonia das melopéias, da vertigem labiríntica provocada pelo revirar das danças e das sensações cenestésicas determinadas pela incessante repetição de gestos estereotipados, atingem estados de embriaguez, sobrevivendo-lhes obscurecimento da consciência, exaltação de impulsos instintivos e inconscientes, liberação do automatismo e transformação da personalidade, a ponto de se julgarem sob a influência de poderes sobrenaturais.

Os negros brasileiros, como reminiscência do passado africano, notoriamente sensíveis ao ritmo musical, apresentam, sob ação hipnótica da música e danças nos candomblés, macumbas, xangos e outros rituais feitichistas, o estado de santo, com perda da consciência e prática de atos desatinados. Neste estado poem-se a falar, a profetizar e a dançar vertiginosamente, a ponto de cairem exaustos depois de longas horas de exercício e mergulharem em letargia. A pessoa a quem o estado de santo se manifesta, que «está» ou «cai de santo» na gíria dos candomblés — descreve Nina Rodrigues — não tem mais consciência de seus atos, não sabe o que diz, nem o que faz. Desde que o santo se manifesta, o indivíduo que é dele portador, perde a sua personalidade terrestre e humana para adquirir, com tôdas as honras a que tem direito, ao deus que nele se revela. E' conduzido ao santuário ou «Peji» onde o revestem

dos paramentos e ornamentos que o ritual atribue ao santo manifestado. E' a música que provoca o estado de santo. Assim, quando o indivíduo que não estava dançando, nem vinha disposto a dançar, ao ouvir o «batacagé», cai em possessão. Todos os negros que tenho visto cair de santo — diz Nina Rodrigues — são unânimes em declarar que é a música que os impele a dançar e que os leva ao estado de santo. Iniciados há que não podem ouvir a música ou o canto com que coincidiu o seu primeiro estado de santo, o que na opinião deles invocou ou chamou o seu santo, sem que este logo se manifeste.

Em estudos de feitiçaria nordestina, Mario de Andrade, discriminou que, nos cantos de macumba e catingó, estados de excitação, de bebedice, eram alcançados graças a ritmos de acentuada violência de igualdade inflexível, com «alegros» e raramente «prestíssimo», enquanto que o estado de sonolência e de torpor eram obtidos pela monotonia de cantos curtos e lerdos, repetidos centenas de vezes.

Estes efeitos fisiológicos aliados aos psicológicos, sobrevivendo do contato da arte, deviam ser os fatos que impressionaram os povos primitivos e antigos a ponto de admitirem, no fenômeno artístico, a intervenção de influências superiores, sobrenaturais. O indivíduo em contato com a música colocar-se-ia sob a influência misteriosa de entidades superiores. A música não só teria origem sobrenatural, mas, ainda poderia agir sobre o mundo natural, constituindo uma espécie de veículo entre os homens e as potências superiores. Daí não se compreender a religião sem música. Nasceram juntas.

Admite-se atualmente que a música age fisicamente, determinando, no organismo do ouvinte, uma espécie de massagem moléculas devida às vibrações sonoras. Experiências moderníssimas com os chamados «ultra-sons», vibrações inaudíveis em virtude da sua altíssima frequência, vêm revelando, efetivamente, influências dos sons sobre os seres vivos em proporções até então jamais previstas. Os ultra-sons exercem ações ainda não bem compreendidas sobre os organismos vivos. Em alta intensidade, destroem micróbios e tecidos vivos. Em menor intensidade, adequada de acordo com os casos, tornar-se-ão provavelmente capazes de promover a cura de diversas afecções orgânicas. Entretanto, o mais indiscutível é que a música age por via psicológica, à custa de sugestão, favorecendo, no ouvinte, a instalação de um estado emocional, e este último, à semelhança das outras emoções, mostra-se suscetível de acarretar modificações corporais, por intermédio do sistema nervoso vegetativo.

A repercussão da música sobre a circulação e respiração e outras funções orgânicas tem sido bem analisadas. Um antigo fisiologista, Haller, já observara que o sangue jorra mais fortemente de um vaso aberto, em virtude da hipertensão arterial determinada pelo ruflar de um tambor. Depois Grétry observou que, se se cantar mentalmente um trecho de música, o ritmo cardíaco tende a conformar-se ao canto mental. Em 1877, Couty e Charpentier, concluíram que as reações circulatórias oscilam de acordo com a intensidade da excitação sonora e, quando as excitações se repetem, e, dessa maneira, o organismo se adapta às mesmas, as reações diminuem ou desaparecem. Existe concordância entre as reações circulatórias e respiratórias, de sorte que, ao influxo da música, experimentam variações paralelas entre si. Na Alemanha, em 1896, o médico P. Mentz estudou experimentalmente a influência da música sô-

CONT. NA PAG. 48

(Continuação do número anterior)

Os Seis Sistemas de Filosofia Índia

III — A «Purva Mimansa», ou o sistema dos princípios diretores do «Rishi» Jaimini.

A palavra «Mimansa» quer dizer investigação, e «Purva» significa anterior ou precedente. Este sistema examina as diversas instruções que se encontram na parte dos Vedas concernente ao Ritual (*Karma-Kanda*). Diz-se que o principal dever do homem é seguir estas práticas tão estritamente quanto possível, porque elas são a revelação direta proveniente do Ser Supremo. Segundo Jaimini, as palavras dos Vedas são eternas, assim como a relação que as une e o sentido; pelo que os Vedas não são de origem humana. Os Vedas são considerados as Santas Escrituras mais antigas da Índia.

Este sistema procura explicar as fontes do conhecimento, a relação entre a palavra e o pensamento, e que este mundo não é senão a manifestação do Verbo (a palavra). Vemos um objeto (por exemplo, uma vaca) porque nos Vedas existe a palavra que o designa (*Gau*, vaca em sânscrito, sendo o sânscrito a língua sagrada por excelência). Si a palavra não existisse, o objeto material não teria realidade. Meditando-se sobre a relação que existe entre a palavra e a idéia, chega-se à conclusão do que foi exposto.

O Sol existe porque a palavra Sol está nos Vedas; em outros termos, o Sol não é mais do que uma parte da manifestação deste Verbo ou Logos, desta forma de pensamento eterno que existe no espírito cósmico.

A Purva Mimansa também pode chamar-se a filosofia do trabalho. Descreve a verdadeira natureza do dever na atividade diária (sacrifício, dever e devoção). Graças à ela podemos compreender qual é a ação ou o trabalho que há para realizar e qual a melhor maneira de realizá-lo, afim de produzir determinados resultados. Se, por exemplo, queremos ir ao céu depois da morte, devemos fazer determinadas cousas; estas não de dar um resultado, atualmente imperceptível para nós, porém que terá sua realização ou sua manifestação no fato que seguirá a nossa ida ao céu.

Como, pois, se produzem esses fatos? Qual é a Lei que os rege? E si realizarmos aqueles mesmos atos de uma maneira diferente da prescrita, qual será o resultado? Todos esses pontos se discutem no Purva Mimansa. Sem dúvida, este ensino poderá ser taxado como sendo um simples esforço imaginativo, uma pura especulação. Porém, os que crêem na eficácia da oração, na lei de ação e reação, ou de causa e efeito (Lei de *Karma*), não podem taxá-la como tal, porque, indubitavelmente, os seus princípios são certos. Com efeito, não podemos negar que cada pensamento que forjamos, e mesmo cada movimento físico que realizamos, deva produzir algum resultado em alguma parte, embora que nós não o percebamos, porque, em a Natureza, nada se perde e nada se cria, porém, tudo se transforma. Quais são estes resultados? De que maneira eles nos afetam? Aquilo que a nós não é dado perceber, pode ser visto por quem dedica a sua vida somente a este objetivo.



Este sistema é, por assim dizer, uma filosofia das leis naturais, sendo, antes de tudo, uma filosofia ortodoxa que se destina, principalmente, aos estudantes dos Vedas e aos sacerdotes Brahmanistas.

IV — O «Sâmkya» ou o sistema do número do «Rishi» Kapila.

Kapila, que viveu uns setecentos anos antes de Cristo, é chamado na Índia o pai da evolução. Este filósofo rechassa a teoria atômica, fazendo re-

montar a origem dos átomos até uma Energia Cósmica que denomina *Prakriti* (em latim Procreatrix) ou Energia Criadora. Afirmou que o universo fenomenal (visível e sensível, que cai dentro do raio de ação de nossos sentidos) evoluiu, por completo, de uma só energia cósmica que é eterna.

Kapila define os átomos como centros de força (correspondentes aos Ions e elétrons da ciência moderna), e é o primeiro a explicar a Creação como o resultado de atrações e repulsões (afinidade) que, literalmente, significa amor e ódio entre os átomos (conforme disse Empedocles).

A filosofia *Sâmkya* (esta palavra significando número; filosofia do número é o nome dado à filosofia de Pitágoras, relacionada com a Evolução do Universo visível e invisível) explica de uma maneira sistemática, lógica e científica, o processo da evolução cósmica deste *Prakriti* primordial (a *Fôrça Matéria*) ou Energia Eterna.

Kapila reconhece que a alma (com o significado de parte alíquota de uma Psique ou Alma Universal) do homem constitui sua verdadeira natureza, sendo distinta da matéria (com a qual constitui uma polaridade, donde Espírito e Matéria ou *Purusha* e *Prakriti*, Positivo e Negativo, Fogo e Água, Macho e Fêmea, etc., etc.) e imortal.

As conclusões da filosofia *Sâmkya* são as seguintes: 1) Alguma coisa não pode derivar-se do nada; 2) O efeito reside na causa, isto é, o efeito é a causa manifestada; 3) Destruição quer dizer: retorno de um efeito ao seu estado causal; 4) As leis da Natureza são uniformes e regulares em tudo; 5) A construção do Cósmos é o resultado da evolução da Energia Cósmica.

(Continua no próximo número)

“O Ocultismo é o maravilhoso pré-científico. Não é o estudo de quanto se apresenta oculto para a Ciência; é o estudo dos fatos que, não pertencendo ainda à Ciência (refiro-me à ciência positiva de A. Comte) podem pertencer-lhe algum dia. O Ocultismo é a Terra Prometida da Ciência”. — DR. GRASSET (antigo professor da Universidade de Montpellier).

“O pensamento é a natureza invisível; a natureza é o pensamento visível” — HEINE.

“Nunca digas: ignoro isto, logo é falso. Para saber é preciso estudar, e é preciso saber para compreender, e compreender para julgar” — NARADA (antiquíssimo filósofo indú).

A PROFECIA DA PIRAMIDE

H.J.S.

*Desde os céus de há muito estava escrito.
E a Pirâmide que o mesmo subscreve
Não ocultou ao mundo o manuscrito
Que falava de dois Sêres muito em breve...*

*Fê-lo com o rigor da matemática
Um amigo de Ptah, seu sacerdote,
Que, aliando a Magia à Pragmática,
Cedeu ao mundo o incomparável dote.
E, desta sorte:
"Veiu o tempo, veiu a vida, veiu a morte"!...*

SUPREMA REVELAÇÃO

SOLON BRASILIENSIS

*"E veiu o tempo, e veiu a vida, e veiu a morte".
Nas estrélas do céu de há muito estava escrito...
Mas ninguém entendeu o esoterismo forte
Perdido na amplidão sidérea do infinito.*

*Das estrélas do céu aos areais do Egito
Desceu o esoterismo em místico transporte
Mais perto dos mortais, nas letras de granito
Da Pirâmide eterna e de imutável porte.*

*Indagai, pois, de Ptah, ó triste peregrino,
Daquela trilogia o seu poder divino,
E DOIS SERES tereis mostrando-vos a Sorte...*

*Tirai o coração do terrenal conflito,
Que, assim, entenderéis o que já estava escrito:
— "E veiu o tempo, e veiu a vida, e veiu a morte".*

EFEMÉRIDES DE SETEMBRO

28 DE SETEMBRO DE 1800

Efeméride de grande repercussão espiritual para o Mundo e que interfere de modo grandioso na vida da Sociedade Teosófica Brasileira.

7 DE SETEMBRO DE 1822

Independência do Brasil. D. Pedro I, através do «grito do Ipiranga» que o imortalizou, tornou-se a pedra angular da Nacionalidade Brasileiro.

15 DE SETEMBRO DE 1883

Entra em erupção o «Krakatoa», enquanto que nos céus é observada a maior chuva de estrélas, jamais vista.

Nasce na cidade de Salvador, na Baía, o fundador e dirigente espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira, Prof. Henrique José de Souza, que, em 1899, empreendeu uma longa viagem ao Oriente, depois de ter estado na ilha de Itaparica.

Como é do conhecimento do culto leitor, esta ilha é considerada o berço da Civilização Brasileira, porque foi nela que o sangue ibérico de Diogo Alvares Corrêa, o «Caramurú», se fundiu ao nobre sangue tupí de Catarina Paraguassú. Deste modo, deu-se a fusão das Mônadas ibéricas e americanas. Da Ilha de Itaparica,



*Professor Henrique José de Souza e Excelentíssima Espôsa
Fundadores e Dirigentes da
S. T. B.*

também conhecida como Reduto dos Tupinambás e Ilha Tabérica de Nassau, surgiram grandes vultos nacionais, como, por exemplo, o grande filólogo Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, que foi professor do insigne baiano Rui Barbosa. Pois bem, esta Ilha tem um papel preponderante na História da Óbra em que se encontra empenhada a S.T.B., pois foi daí que seus dois fundadores, Henrique e Helena, então «adolescentes de 16 primaveras», partiram para Lisbôa (onde, por motivo superior, visitaram a Serra de Sintra), em demanda da Índia, tocando nas cidades de Cairo, Gôa, Colombo (capital do Ceylão), Calcutá, Allahabad, Delhi, Simla e Srinagar. Com esta viagem, bastante acidentada, cuja síntese será brevemente publicada nesta revista, realizada foi a sibilina profécia da Serra de Sintra, abaixo transcrita (da óbra portuguesa «Sintra Pitoresca»), embora lhe faltando algumas palavras arruinadas pelo tempo:

*Sib... Vatican... Occidiis...
Volventur saxa litteris et ordine rectis
Cum videris Oriens, Occidens opes
Ganges Indus erit mirabile visu
Messis... commutabit sua uterque sibi...*

Cuja tradução é:

*Patente me farei aos do Ocidente
Quando a porta se abrir lá do Oriente.
Será coisa pasmósa quando o Indo,
Quando o Ganges trocar, segundo vejo,
Seus espirituais feitos com o Tejo.*

CONSELHOS ÚTEIS

Como havia sido anteriormente prometido, inicia-se em o número atual de «O Luzeiro», pela apresentação de seu sumário, a Secção de Conselhos Úteis. Ela será dirigida por um insigne membro da Sociedade Teosófica Brasileira, que se ocultará sob o pseudônimo de LORENZO PAOLO DOMICIANI, e destina-se a todo aquele que, sinceramente, de olhos para o alto, sequioso de Verdade e de Saber, procura, qual barco fragil em noite procelósa, um sinal, um guia, uma orientação segura que lhe permita dirigir-se através da vida.

«Conselhos úteis», não só do ponto de vista prático, mas principalmente do espiritual, quem não os deseja nos momentos que correm?!

Entretanto, para que estes «conselhos» venham a ser realmente «úteis», deverão ser compreendidos e vividos. Sua compreensão exige uma análise crítica da situação atual, com todos os seus erros e lacunas, à luz da EUBIOSE, ou Ciência do Novo Ciclo, calcada em princípios velhíssimos e imutáveis como a própria Sabedoria Tradicional das Idades. Sômente depois desta análise crítica, feita sob o aspecto mais elevado da Teosofia, é que será apontado, ao leitor, o caminho a seguir, isto é, o VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO.

Em linhas gerais, esta Secção obedecerá ao seguinte sumário:

Capítulo I — Que é EUBIOSE? Ciclo que agonisa. Ciclo que renasce. *Corsi e ricorsi. Destruens et Construens*. Palavras do sociólogo mexicano José Vasconcelos. Palavras do grande teósofo espanhol Dr. Marlo Roso de Luna. A razão de ser desta Secção dedicada a todos aqueles que, acreditando em si mesmos, acreditam na Lei que rege os destinos de homens e coisas.

Capítulo II — Como se explora o povo. Além dos

demais assuntos que vão ser abordados neste capítulo, figura como principal: JOGOS E LOTERIAS. Do mesmo modo, a Bôa e má imprensa.

Capítulo III — O surto do Espiritismo e da Teosofia no Ocidente. O Espiritismo já existia, muito anteriormente, no Oriente; o Agruchaga-Parikari. O falso espiritismo. O africanismo de permeio aos santos da Igreja. Messias e profétas.

Capítulo IV — Intolerância religiosa. PODER TEMPORAL e PODER ESPIRITUAL. A VERDADEIRA DOCTRINA DE CRISTO e demais ILUMINADOS.

Capítulo V — Anarquia política e falsas ideologias incapazes de resolver o Grande Problema da Vida Humana. Como deveria ser um verdadeiro Dirigente de Povo. Manús e Reis Divinos. A Bomba Atômica e seus desastrosos efeitos. Estatística apavorante de mortos e inutilizados pelos bombardeios das cidades de Hiroshima e Nagasaki. «Fim de ciclo apodrecido e gasto».

Capítulo VI — A falsa e a Verdadeira Ciências. Os graves erros da Medicina. Perigos decorrentes dos antibióticos e demais drogas em uso. ALERGIA e AVITAMINOSE. Falso Naturismo. A grande catástrofe atlante e as modificações por que passou o globo terrestre.

Capítulo VII — O VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO ou a Sabedoria dos Grandes Iluminados. Uma longa série de estudos inéditos, capazes de transformar o homem vulgar em ADEPTO ou Homem Perfeito. *Spes Messis in SEMINE*. A esperança da colheita reside na SEMENTE.

«Grande é aquele que deseja instruir-se; maior, o que se instrue; porém, muito maior, ainda, o que oferece seus conhecimentos aos demais».

28 DE SETEMBRO DE 1921

Fundação espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira, na cidade de S. Lourenço, Sul de Minas, no tópo de uma Montanha. Três anos depois, em 10 de Agosto de 1924, dava-se a fundação material da mesma, na cidade de Niteroi, com o nome sânscrito «Dhâranâ», significando «o sumo contrôle do pensamento». Alguns anos mais tarde, por razões superiores, este nome oriental é substituído pelo atual e ocidental de Sociedade Teosófica Brasileira, para mostrar, ao Mundo, que o Ex Oriente Lux, de Swedemborg, havia sido substituído pelo Ex Occidente Lux, isto é, que a Luz Espiritual havia se passado para as plagas ocidentais.

“Todos aceitam com facilidade o milagre da sempre renovada “última palavra” da ciência oficial, estribado na confiança que inspiram nomes que alcançaram fama. Ninguém exige provas de cada uma das afirmações científicas. Entretanto, qualquer asserção de natureza oculta precisa ser provada individualmente, pois, o que um viu ou experimentou já não serve para convencer a outrem...”

Tal é o vício de uma formação intelectual e espiritual tendenciosa, enferma de cepticismo e de preconceitos néscios”.

“Mais nocivos que a própria incredulidade é o presunçoso cepticismo que repudia os fatos sem examinar se são ou não verdadeiros” — HUMBOLDT.

O «ACASO»

Pitágoras aprendeu suas doutrinas nos santuários do Oriente, encobrando-as com simbolismos numéricos; porém, seu discípulo Platão veio expô-las de forma mais inteligível, embora mantivesse ainda as fórmulas esotéricas.

Nenhum desses grandes Mestres, conhecedores profundos dos mistérios da Vida, admitiu o *acaso* sinão como um disparate.

O vago e irresponsável *acaso* é uma expressão de ignorância ingênua ou despeitada da superficialíssima mentalidade ocidental, diante de determinados fatos, que não logra explicar com os recursos, os métodos e os princípios positivistas da sua ciência materialista, míope e claudicante, porque assentada em bases de todo falsas.

O conceito de *acaso* é anticientífico e antifilosófico. Não há lugar para esse zero gratuito na maravilhosa *aritmética* em que está construída a Vida e onde tudo é *pesado, medido e contado*.

O que existe, sim, é uma Lei de Causalidade, que a tudo rege e mantém o assombroso equilíbrio universal. Lei que, em sua última essência é a harmonia suprema, a própria Matemática, não a vulgar das academias, porém a Matemática transcendente, oculta ou divina, cujos princípios fundamentais são observados ciosa e piedosamente pelos Adeptos, no seio das Fraternidades iniciáticas de tôdas as épocas e países, fora do alcance dos olhos irresponsáveis, egoístas, profanos.

CONT. DA PAG. 37

OS SETE AUTO - GERADOS

Não há, entretanto, necessidade de se manusear um livro de astronomia para conhecer a posição dos planetas no céu. Basta seguir estes pequenos ensinamentos: Vênus sobrepuja em esplendor os demais planetas e estrelas, e nunca se afasta do Sol mais que 43°, ou seja, um signo e meio zodiacal; é sempre matutino ou vespertino (donde os nomes «estrela d'Alva e Vesper», para os dois referidos crepúsculos), como o é também Mercúrio, ao qual também se reconhece durante os poucos dias da sua visibilidade, que sobrepuja, então, à de qualquer estrela de primeira grandeza naquela região. Aldébaran, Régulo e Antares, são as únicas que com ele se podem confundir. Júpiter só se pode divisar no fim do ano, em tôdas as situações relacionadas com o Sol. E', em aparência, menor que Vênus, embora que seja mais de mil vezes maior a sua massa luminosa, plácida e azulada, contrastando com a daqueles nas conjunções, e sendo muito semelhante à do «arco voltaico» ou do «candieiro sistema Auer». Marte apresenta uma grande oposição com o Sol, é inconfundível devido à sua cor avermelhada. Daí, além de outras razões ocultas, ser tido como «planeta da guerra». Todos os guerreiros das várias teogonias existentes, trazem sempre uma capa encarnada, desde o São Jorge cristão ao Perseu mitológico, ao Ackdorge transhimalalao, etc.

E' doloroso, entretanto, que cada cidade da Terra não possua, além do observatório oficial, outros universitários, como os de Oxford, Cambridge, Glasgow e Bordeaux. Isto iria suprir a deficiência da simples visão física dos habitantes do nosso planeta, embora este se encontre ainda muito longe da sua total evolução (e consequentemente formação, pois uma coisa corre ao lado da outra) e seja sacudido por todo esse lastro de horrores que se chamam guerras, revoluções, crimes, ódios de toda espécie e finalmente a atual anarquia política, com a ameaça de nova guerra, tudo comprovando a agonia de uma civilização. Sim, observatórios populares idênticos aos do Trocadero e o de Flammarion, em Juvisy, onde se despedaçam as rotineiras tradições dos privilégios criminosos, tornando acessíveis ao povo essas maravilhosas **contemplações celestes**, que além do mais, representam espiritual entretenimento, em substituição aos cassinos, à taverna, aos vícios de toda a sorte...

Que outros encantos nos oferece o sistema planetário? São tantos ainda, que não seria possível enumerá-los num simples capítulo como este. Vênus, por exemplo, a chamada «estrela do Amor», e que se acha estreitamente ligada à Terra — inclusive por ser o seu período de rotação em torno do Sol, idêntico ao da gestação — é o foco celeste que, com seu azul elétrico, esmalta os nossos crepúsculos com um encanto verdadeiramente transcendente, a ponto de, como nenhum outro astro, triunfar do próprio Sol, apresentando-se à simples visão física em pleno dia, mesmo quando de nós muito afastada.

Formosos são, ainda, os maiores satélites de Júpiter que giram ao seu redor como se ele fosse um Sol (3), colocando-se à direita e à esquerda, passando por eclipses com o gigantesco astro, no qual também produzem, quase diariamente, ao passar por seu disco, manchas de luz, precedidas outras vezes de uma forma circular sombria.

Admiráveis, por sua vez, os oito satélites e o anel de Saturno, cuja evolução lenta já foi descoberta através de um novo satélite, graças ao visível aumento de seu gigantesco anel. Tal anel, procriador de futuros sa-

télites, não é mais do que a sua nebulosa primitiva, o que vem provar que o mesmo não se acha ainda formado.

E quando a poesia nos falhasse para descrever esses planetóides minúsculos, nos quais, como em Eros, está encerrada a chave das distâncias planetárias... recorreríamos ao poeta e cientista árabe, para que ele o fizesse, por exemplo, com os esplendores da luz zodiacal nos mantiqueirenses albores dos meses de Julho, Agosto e Setembro, inclusive em S. Lourênço, verdadeira apoteose de luz, início de um Novo Cielo portador de Paz, Luz e Progresso para todos os seres da Terra. Sim, como no deserto arábico, através dos **Gêmeos**, a esfumar o conglomerado de Câncer, ou se apresentando, depois do pôr do Sol, ao entrar da Primavera, acompanhado das estrelas de Piscis e da Baleia, entre as quais vai lançando o seu magnífico fulgor, de modo idêntico à **Via Láctea**, mais luminosa que a própria região de Sagitário, e quase igual à Lua de três dias...

Sol, Lua e Terra são três astros que se completam, pois regulam a própria existência humana. Por isso as colunas do Templo de Salomão, até hoje adotadas pela Maçonaria, com os nomes de Jakim e Bohaz, eram dedicadas ao **Sol** (a de ouro) e à **Lua** (a de prata).

Malor clareza para essa nossa afirmativa se encontra na teoria de Plutarco, exposta em «De Isis e Osiris»:

«Grande é o erro daqueles que confundem o Espírito ou Inteligência (Nous) com a Alma (Psyké). Não menos os que confundem a alma com o corpo (Soma). **Da união do Espírito com a Alma nasce a Razão; da união da Alma com o Corpo nasce a Paixão.** Desses três elementos, a Terra deu o copo; a Lua, a alma, e o Sol, o Espírito. Por isso, todo Homem justo, consciênte de tôdas essas verdades, é, ao mesmo tempo, durante a sua vida física, **um habitante da Terra, da Lua e do Sol.**»

Veja-se ainda o aforismo do clássico Denius:

«Terra tegit carnem; tumulus circumvolat Umbra; Orcus habet Manes, Spiritus astra petit».

E, assim, para evitar discussões inúteis: se se admitte que «Deus fez o homem à sua semelhança», e Deus é ao mesmo tempo «Uno e Trino», logo aquele não podia ser dual (isto é, corpo e alma), como querem muitos, mas **tríplice**, isto é, Corpo, Alma e Espírito (4).

Para o homem desenvolver esses três princípios ou corpos, as escrituras indús apontam três espécies de **Yogas**: **Hatha-Yoga** (ciência do bem estar físico, na razão do **Mens sana in corpore sano**); **Jnana-Yoga** (aperfeiçoamento do caráter ou alma); e **Raja-Yoga** («ciência real», por ser a do desenvolvimento do mental, inteligência ou espírito).

«Yoga», em sânscrito, significa «união». Assim sendo, consiste em exercícios para o homem se unir ou ligar ao Ser Supremo, como sua origem. O próprio termo **religião** — o que nem todos sabem — vem do latino **religio, religare, etc.**, ou **religar, tornar a unir ou ligar**, o ser humano com a unidade de onde veio. Pelo que se vê, o Ideal da Fraternidade Universal da humanidade, sem distinção alguma, pregada por Teósofos ou Iluminados, Maçons, etc., etc., representa a mais excelsa de tôdas as realizações no mundo, porque, ligando ou unindo todos os seres da Terra, como se fossem élos da mesma Cadeia, religando-os está, portanto, a essa Unidade donde tudo e todos procedem.

Eis ainda a razão da S.T.B. — desde os primeiros

A TRADIÇÃO PRIMORDIAL

Tôdas as grandes tradições da humanidade fazem referências a uma época pré-histórica, pois antecede todo o conhecimento que possamos ter das civilizações, e que foi o ponto de partida do grande ciclo de vida denominado pelos indús de Manvantara.

Neste período, sêres de natureza altamente espiritual revelaram, aos homens, uma doutrina de ordem metafísica, e que explicava todo o mecanismo da manifestação cósmica. Esta tradição primordial, pertencendo portanto a um domínio de conhecimento transcendente, não poderia ser expressa pelas imagens mentais que nos são familiares, ou meras expressões verbais. A Revelação foi dada, antes, através de símbolos que constituem a verdadeira linguagem universal, cada um deles sendo a expressão, no universo, de certas verdades de âmbito metafísico.

Mas, com o afastamento gradual da espiritualidade, houve também um atrofiamento gradativo de seus órgãos mais sutis de percepção, e o homem passou a necessitar de um método através do qual pudesse reconquistar suas faculdades perdidas, para novamente perceber a harmonia das esferas do conhecimento.

A tradição primordial, porém, embora cada vez maiores dificuldades oferecesse para a sua perfeita compreensão, perpetuou-se através dos séculos e das civilizações. Encontramos assim, na história de todos os povos, referências a um centro primitivo onde esta doutrina superior foi, pela primeira vez, revelada ao mundo. A Índia que, com o Yoga, apresentou um dos mais completos métodos de reeducação interior, fala, na sua tradição, de Arghya-varsha ou Adi-varsha, a terra das libações ou a terra primordial, que deu origem aos Edens e Paraísos de tôdas as tradições.

Os persas falaram de Ayriana-Vaejo, a terra dos seus antepassados. Na tradição judaica encontra-se o Gan-Eden, onde os deuses transmitiam familiarmente, à humanidade primitiva, certas verdades cósmicas, veladas, com o decorrer dos séculos, nas alegorias iniciáticas. Esse centro original, denominado, em fontes mais puras, de *Agartha*, da qual obteve um certo conheci-

mentos da sua fundação, — ter pregado uma FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA, e haver construído um templo dedicado a tôdas as religiões do mundo, na esperança de «construir um dique tutelar contra as águas invasoras do materialismo bravio», e, conseqüentemente, de firmar a Paz na face da Terra.

Omnia vincit Amor.

- (1) Transcrito de OCULTISMO E TEOSOFIA, obra editada pela Sociedade Teosófica Brasileira, com plena autorização do autor (Nota da redação).
- (2) Mônada (do grego: 'um', 'unitário'), de acôrdo com o 'Glossário Ocultista e Teosófico' de Laurentus, é um centro de consciência, candelha na Chama, participando das qualidades do Todo, por ser uma 'fracção' sua. Por isso é ela onisciente e onipotente em seu próprio plano. A Mônada é limitada, porém, em seus meios de ação, pelo nível do que ela se serve para agir nos mundos inferiores. Ela é o grande EU, o 'Purusha', o Espírito no Homem. A Mônada vai adquirindo, gradativamente, a auto-consciência, graças à evolução da matéria, que se aproxima, progressivamente, aos fins do Espírito (Nota da redação).
- (3) Para tanto marcham os planetas, pois todos eles — sem exceção alguma — quando completamente evoluídos ou formados, tornam-se igneos, e, portanto, verdadeiros sóis (Nota do autor).
- (4) Vejam-se também estes dois trechos de Epístolas de S. Paulo: 'Pois a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante que qualquer espada de dois gumes, e que penetra até a divisão da alma e espírito, e de juntas e medulas, e pronta para discernir as disposições e pensamentos do coração' (Aos Hebreus, IV, 12). 'O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo, e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados completos, irrepreensíveis, para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo' (Ia. Aos Tessalonicenses, V, 23). (Nota do Autor).

mento o escritor Saint-Yves d'Alveydre, é realmente o lugar onde foi mantida a tocha da Verdade Primitiva.

A Tradição Primordial é a base onde se assentam tôdas as grandes correntes místicas que ainda sobrevivem na terra, e foi ela que vicejou no grande ciclo conhecido, em tôdas as épocas, como a Idade de Ouro. Nesse período, os homens estavam ligados por laços muito mais sólidos que os de hoje, e formavam verdadeiras organizações, com tarefas bem definidas, e viviam longamente, pois, possuíam organismos sadios e harmônicos. O conhecimento superior orientava tôdas as atividades dessa maravilhosa civilização. Foi ainda nessa era que apareceram os grandes legisladores, como o Manú Vaivasvata, na Índia, Hamurabi, na Babilônia e Menés, no Egito.

Nessa Idade de Ouro, reinava a Eterna Primavera, não havia pobreza e corrupção, os homens constituíam uma grande família que vivia na paz edênica.

O conhecimento supra-individual, que era o apanágio dessa idade, era o fundamento das ciências que dela decorriam, algumas das quais, no decorrer dos diversos ciclos posteriores, assumiram um domínio individual, mas nunca deixaram de abeberar-se nas fontes originais. Constituem tôdas essas ciências, que se nutrem da mesma seiva, as chamadas «ciências tradicionais», ou «ciências sagradas», embora se possam subdividir, de acôrdo com os vários campos a que se aplicam. Dizia Heródoto que os construtores das pirâmides começaram a edificá-las pelo vértice. Torna-se agora evidente que êle queria se referir a este conhecimento, representado pela pirâmide, cujo vértice é a realidade primordial. Tôda a construção, portanto, para estar de acôrdo com a verdade, há de se iniciar pelo conhecimento desse vértice e não pelos conhecimentos que dele decorrem. As ciências que constituem a base da pirâmide tinham as suas teorias bem fundamentadas em realidades de ordem transcendental, não sendo constituídas apenas de observações e hipóteses humanas, baseadas em fatos mutáveis.

Nas ciências de hoje, ao contrário, pela observação e experimentação, cataloga-se uma série de fatos aos quais se busca uma explicação. Em seguida, por meio de métodos estatísticos e depois empíricos, procura-se verificar se a lei estatística tem fundamento. Origina-se, assim, uma hipótese que, dentro de certo tempo, vai ruir e ser substituída por outra que estará mais de acôrdo com os últimos fatos observados.

O homem está sempre correndo atrás de um fantasma que se desvanece, quando êle pensa que o toca.

Os poetas foram, talvez, os que melhor compreenderam essa verdade primordial. Os latinos chamavam-nos de «vates», aqueles que proclamavam os vaticínios, sendo capazes de prever acontecimentos que dormiam ainda num remoto futuro. Entre os céltas, muitos eram os poetas iniciados nas ciências mais profundas da tradição. Os povos nórdicos, através dos *skáldas*, perpetuaram muitos mistérios relacionados à cidade de *Agartha*.

Mas, hoje, sem poetas que desvendem seus destinos, e afastados das leis que regiam os povos felizes da Idade de Ouro, os homens sofrerão cada vez mais, até que sejam restaurados os princípios áureos da prodigiosa Tradição Primordial.

CRISE NA HISTORIA (1)

Fulton J. Sheen (2)

Pensadores cristãos e não-cristãos estão de acôrdo em muitos pontos quando fazem a estimativa dos nossos tempos.

Spengler afirmou que estamos no inverno da civilização e que a decadência do Ocidente era inevitável. Nietzsche disse que o século XX seria um século de guerras, e Dostoievski declarou que a liberdade ilimitada ou licença, no século XIX produziria o totalitarismo no século XX.

Mais recentemente, um leader espiritual declarou:

— «Os perigos que ameaçam esta geração são mais graves e se espalham mais intensamente do que as epidemias ou catástrofes naturais — ainda que a sua ameaça permanente tenha tornado as nações quase insensíveis e apáticas».

Há uma barbarie ativa e exterior que é o comunismo, mas há também uma barbarie ativa e íntima que é o declínio da moralidade pública e privada! Por tôda a parte há expectativa, medo, nojo, insegurança, à medida que o mundo passa por crises sôbre crises, ao invés de progredir uniforme e tranquilamente.

As crises chegarão, como diz Shakespeare:

«Se para sufocar tão vís ofensas
não enviaram os céus, celeremente,
invisíveis espíritos de paz».

pois, afirma ainda o bardo:

«E' da humanidade devorar-se a si própria
como os marítimos monstros abissais».

Nunca antes houve tanto poder e nunca antes o poder foi tão usado para a destruição da vida humana; nunca antes houve tanta educação e nunca tão poucos chegaram ao conhecimento da verdade; nunca houve tanta riqueza e tanta luxuria e, ao mesmo tempo, tanta pobreza e desgraça.

Tôda a História caminha para uma catástrofe, para um juízo, para o fim do mundo. Mas, essa grande catástrofe final passa por ensaios sucessivos como a queda de Jerusalem, a queda de Roma, a queda de Constantinopla e a queda da Europa Oriental e da China nas mãos das forças inimigas de Deus.

Guerras e crises são vereditos dados por Deus, não vereditos mundanos como os de um concurso de beleza ou de uma exposição de cães, mas efeitos da nossa maneira de viver, de pensar e de agir. Essas sentenças de Deus não são arbitrárias. Deus não envia uma guerra para punir os homens da mesma forma porque não manda uma dor de cabeça para uma pessoa que não se alimentou. Mas, êle, fez o mundo de uma maneira peculiar e, desta forma, se não nos alimentamos, sentimos dor de cabeça. A dor de cabeça é uma sentença.

A certas ações correspondem certos efeitos (3). O trovão não é um veredito dado por Deus ao relâmpago. Mas, Deus fez a natureza de tal maneira que não há relâmpago sem trovão. Na ordem moral dá-se a mesma coisa. Se nós a violamos, produzimos o caos social que provoca as guerras e os caos interiores que produzem as psicoses e neuroses da nossa civilização moderna.

E' bem possível que, assim como a Assíria foi o látego da ira do Senhor no Velho Testamento, o comunismo seja o flagelo de Deus, hoje em dia.

O comunismo é tanto um efeito como um veredito da civilização ocidental. Um efeito porque é uma liquidação das idéias que o mundo ocidental vendeu a retalho nos últimos 150 anos. Um veredito porque é como um açoite que nos fustiga as costas por termos abandonado a nossa herança moral.

Nosso Senhor, certa vez disse:

— «E' onde jazem os corpos que as aves de rapina se congregam».

Esta é uma permanente imagem da sentença de Deus. Os abutres volteiam no ar sôbre os lugares onde jazem os cadáveres; saindo dos seus refugios ao verem corpos em decomposição, eles se tornam os varredores do que já está apodrecido.

Os abutres do comunismo descem sôbre o Ocidente porque a decadência e a morte já se instalaram em nosso meio através da quebra da moral pública e familiar. O comunismo aparece como o varredor das ruas da História moderna.

Se o nosso mundo permitiu tanta decadência, é necessário que venham os varredores. Os abutres são necessários à saúde do mundo. As carcassas que não são devoradas causam a poluição. Um mundo sem lixeiros seria um sepulcro pestilento.

Ou nós varremos a corrupção e a pestilência moral ou os abutres virão com a foice numa das asas e o martelo na outra. O martelo para partir as nossas cruzes e a foice para colher vidas humanas como trigo — na perseguição daqueles que poderão fazer o Pão da Vida.

O que é sério no tempo de crise em que estamos é a apatia e a tepidez. E' chegada a hora de sacudir a todos de uma letargia que pode ser fatal. Todos os justos que se preocupam com os destinos do mundo devem perceber que êle deve ser inteiramente reconstruído, a partir de suas bases, e que a melhor maneira de fazer isso é começando por nós mesmos.

(1) Transcrito do "Diário de S. Paulo" de 21-8-1952 (Nota da redação).

(2) Bispo auxiliar de Nova York, o mais conhecido sacerdote católico dos Estados Unidos, orador sacro excepcional (Nota da redação).

(3) "A certas ações correspondem certos efeitos", é o mesmo que "Lei de Causa e Efeito", ou "Lei de Causalidade", ou, simplesmente, KARMA. Jesús referia-se ao Karma quando disse: "Quem com ferro fere, com ferro será ferido". Maomé expressou a mesma lei com a conhecida frase: "Dente por dente, olho por olho"... A Lei de Karma e a Reencarnação, explicam todos os sofrimentos e desigualdades que existem no mundo, e a razão porque cada qual nasce com as suas tendências (em sânscrito "akhandos"). (Nota da redação).

LEIA, ASSINE E DIVULGUE

"O LUZEIRO"

O periodico que os verdadeiros intelectuais e espiritualistas aguardavam.

Imprensa especializada, com assuntos inéditos.

CONT. DA PAG. 39

tre cinquenta mil trilhões de moléculas (cinco, seguido de 16 zéros) encontra-se então uma única molécula ionizada. O físico W. F. G. Swann disse recentemente que, se as moléculas do ar pudessem falar, a afirmação de uma delas ter observado uma molécula ionizada, seria correspondente a um único homem que no decorrer da história inteira dissesse ter visto um monstro com duas cabeças.

A raridade dos fenômenos de uma vitalização da matéria bruta, indubitavelmente ultrapassaria a da ionização do ar num grau que exclue uma comprovação dos mesmos.

Há físicos que, como Swann, não consideram a transformação da matéria inerte em matéria viva um acontecimento mais milagroso do que a transformação da água em gelo ou em vapor, ou transformação radioativa de certos elementos em outros elementos quimicamente diferentes: «Não é de nenhum modo tão fantástico como parece, pensar que os elementos específicos da vida existam todo o tempo na matéria inerte, se bem que se trate de quantidades tão ínfimas que poderíamos talvez encontrar, em ocasiões raras, um pedaço de cobre que, em certo sentido, está vivo por um momento. O fato que os fenômenos da vida não se fazem observar nitidamente na matéria morta, não é um critério de certeza que eles devam ser completamente excluídos. Na verdade, não é mais um pensamento inaudito, que a matéria inanimada seja variável e que a atividade cresce, primeiro devagar, depois mais rapidamente até o ponto, no qual, supondo-se que as condições e o ambiente o permitam, o estado de equilíbrio entre as matérias inerte e viva seja alcançado».

Quem ler essas palavras de Swann terá a impressão que se trata de uma fantasia da parte de um físico moderníssimo. Mas, como Goethe disse, ninguém é capaz de pensar uma coisa, seja ela prudente ou banal, que os ancestrais já não tenham pensado. E ao círculo do mesmo Goethe pertenceu um jovem físico, J. G. Richter, sobre o qual o poeta escreveu em 1800, ao seu amigo Schiller: «Richter visitou-me ontem. E' de aparência estupenda e um verdadeiro céu de sabedoria na terra». Richter reuniu suas idéias e publicou-as sob o título de «fragmentos». E' desse livro o seguinte: «Não se poderia confirmar pela história que as relações químicas nos tempos remotos foram diferentes? Isto já se deduzia da temperatura diferente. E deste modo o metal poderia ser parte de um ser vivo, ou tinha sido mesmo um tal». E mais: «Tudo que existe, se mantém de uma certa maneira num estado orgânico. Em cada momento cada pedra nasce de novo, originando-se ilimitadamente. Só que os pais da criança sempre morrem e não se pode, por isso, vêr o aumento do indivíduo».

Isto escreveu, há mais ou menos 150 anos, um homem que nada sabia de transmutação dos elementos, mas adivinhou tais processos de uma radioatividade primitiva que, conforme a hipótese de J. Stoklasa, provocava, entre condições desconhecidas, o aparecimento da primeira célula viva.

CIÊNCIA E SABEDORIA

L. E.

A aspiração máxima do homem é compreender a natureza real do mundo que o cerca.

Reagindo conscientemente aos estímulos que lhe advém do mundo exterior, procura, fundamentado no equilíbrio das suas faculdades perceptivas e intelectivas, a razão suprema de ser, a estruturação de tudo o que vê, sente e mede.

Nas relações entre o consciente (sujeito, o que percebe, analisa e sintetiza) e a realidade objetiva (a matéria, tudo o que o cerca) se baseiam todos os sistemas filosóficos.

As escolas que atribuem ao consciente a criação da realidade objetiva, são ditas idealistas e as que consideram o consciente como determinado pela realidade objetiva, denominam-se materialistas. Entre uma e outra, existem múltiplas concepções intermediárias, constituindo as correntes ecléticas.

O que chamamos de mundo exterior, a realidade objetiva que nos cerca por todos os lados, se manifesta aos nossos sentidos pelo que, em ciência física, se denomina medidas.

Todavia as medidas, como já expressou Helmholtz, proporcionam aos físicos símbolos que devem ser interpretados, ao invés de expressarem tangivelmente o mundo exterior.

De acordo com os últimos resultados da ciência física, expressão máxima da sabedoria ocidental na investigação da natureza, por maior que seja a precisão das medidas, a simples presença do instrumento basta para perturbar as condições da experiência, modificando-se, assim, o fenômeno, criando-se o dualismo incoerível de sujeito e objeto, impedindo-nos a constatação precisa da realidade exterior.

Matematicamente formulada esta impossibilidade, no famoso princípio de incerteza de Heisenberg, base teórica da física contemporânea, encerra em si a renúncia da ciência oficial às suas pretensões de conseguir, em seu campo material, o conhecimento completo, da natureza real dos fenômenos que estuda.

Como sintetizou Max Planck, o criador da teoria dos «quanta», «o objetivo da ciência se resume num incessante esforço para um fim que nunca poderá ser atingido, pois, dada a sua natureza, é inexequível»...

Das concepções físico-matemáticas ressalta a existência de um mundo real externo, independente do nosso ato de conhecer, sendo, porém, a nós vedado o conhecimento direto deste mundo real externo.

«A natureza, como escreveu Goethe, cerca-nos e coleia-nos por toda a parte; e nós somos igualmente impotentes, quer para fugir ao seu abraço, quer para conhecer a intimidade do seu seio». Pelo menos no que diz respeito à ciência ocidental, apta somente para descrever a superficialidade dos fenômenos, incapaz de penetrar no âmago das questões, inibida por uma impossibilidade inerente, presa como está à trama ilusória dos sentidos, o pensamento de Goethe traduz-lhe o estado em que se encontra.

Desde que não possamos encontrar a verdade no mundo exterior, pois, os meios que dispomos para explorá-lo não nos proporcionam dados diretos da realidade última das coisas, resta-nos voltarmos atrás, seguir os arcaicos ensinamentos disseminados em todas

(*) Transcrito do magnífico opúsculo de Henrique Tschelnitz, intitulado "Radium e Radioatividade", com prefácio do Prof. J. C. Cardoso — Rio de Janeiro — 1948 (Nota da redação).

HORÓSCOPO DESTINO E CARATER DOS NASCIDOS SOB O SIGNO DE LIBRA

As pessoas nascidas sob a influência deste signo são muito finas e têm paixão pela justiça. São sensíveis, amantes do prazer, ambiciosas, generosas, intuitivas e artísticas.

Possuem equidade, julgando claramente os prós e contras, são capazes de julgar as coisas sem paixão. Apreciam os louvores, trabalham bem, sendo aprovadas ou admiradas; e geralmente merecem elogios, sendo agradáveis e de humor igual. Excelente percepção, não deixando de perceber claramente o que se passa ao redor.

Há dois tipos extremos nascidos sob esta influência: os que amam o prazer, os adoradores da forma e da cerimônia, dos costumes e das convenções; e os que possuem um mental refinado e apreciam vivamente a união das coisas, conseguindo muitas vezes, desenvolver a clarividência.

A constituição física das pessoas deste signo é excelente e, se tiverem boa conduta, não estarão sujeitas a muitas doenças. Em geral prosperam como artistas, desenhistas, livreiros, secretários, músicos, cantores.

Combinam bem com as pessoas nascidas de 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro ou de 20 de Maio a 21 de Junho.

As mulheres que nascem sob a influência de Libra, são muito alegres e atraem, assim, muitos admiradores. Casar-se-ão entre dezessete e vinte e três anos. Estão sujeitas a queimaduras por fogo e água fervendo, mas de um modo geral, serão felizes. Amam as flores e a vida campestre.

(DE 21 DE SETEMBRO A 20 DE OUTUBRO)

Existem três classes de indivíduos nascidos sob o signo de Libra, como mostra o quadro ao lado:



Os que nascem de 21 a 30 de Setembro:
Se distinguirão por seu amor à verdade e à justiça. Suas paixões não são fortes e gostam sempre de socorrer os débeis. Refinados, amáveis e harmoniosos.



Os que nascem de 1 a 10 de Outubro:
Se caracterizam pela sua justiça, fidelidade e ambição. Fervorosos defensores da justiça, mentalmente hábeis, amantes da boa sociedade e muito fieis em suas afeições. Regularmente audazes e empreendedores.



Os que nascem de 11 a 20 de Outubro:
Serão mais materialistas em comparação com os tipos anteriores; muito inteligentes, amantes do sexo oposto, da elegância e dos prazeres. Grandes apreciadores da expressão mental, em todas as suas formas.



CONTINUAÇÃO DA PAG. 47

as obras sagradas de todos os povos, em todos os tempos, onde aprendemos que a Natureza real reside atrás da natureza ilusória dos sentidos que a recobre com o manto da ilusão ou Véu de Maya, na expressão poética dos Índus.

Se quisermos vislumbrar a Verdade em sua pristina pureza, devemos primeiro nos libertar da ilusão dos sentidos e para isso o instrumento de pesquisa não mais será o mero prolongamento dos sentidos humanos, como telescópios, microscópios, interferômetros, prismas, etc., mas o próprio homem, pois a verdade surge de dentro para fora e não de fora para dentro. Portanto, o conhecimento exato do Homem, das suas faculdades físicas e psíquicas, nos levará, nesta introspecção consciente, ao mais recôndito do nosso sêr e então mergulharemos no Princípio Universal que a tudo e a todos rége, donde emergiremos repletos de Sabedoria e Felicidade...

CONTINUAÇÃO DA PAG. 40

bre a respiração e a circulação. Verificou que o ouvinte tende a fazer o ritmo respiratório coincidir com o ritmo excitante, tomando os sons mais fortes como ponto de partida para as inspirações e as expirações. Em consequência disso, o retardo ou a aceleração do ritmo respiratório do ouvinte se estabelecerá de acordo com a

duração das excitações sonoras. O Dr. Guibaud concluiu que, sob a ação da música, o indivíduo experimenta reações respiratórias e circulatórias sempre no mesmo sentido, sendo que a reação respiratória precede a circulatória. Os movimentos da respiração, dentro de certos limites, tendem a ritmar-se de acordo com a música. O prazer que nos inspira a música estaria em relação com a maior ou menor possibilidade de uniformizar-se o ritmo da música ao de nossa onda pulsátil.

As músicas de Chopin, de Brahms, de Weber, são indicadas contra dispepsias; útil ouvi-las às refeições. **Contra a neurastenia e esgotamento nervoso:** «A Canção da Primavera» de Mendelssohn, as «Dansas Húngaras» de Brahms; «O Prelúdio Carnavalesco» de Dvorak; «O Rei dos Gnomos» de Schubert. **Contra a neurastenia decorrente de excesso de trabalho:** «Moldava» de Smetana; «Luz do Sol» de Grieg; «Fugas» de Bach. **Contra as dores morais:** «Sonata Patética» de Beethoven; «Concerto para Violoncelo» de Dvorak. **Estados melancólicos após intensas desilusões:** «Hino à Alegria» de Beethoven. **Contra cólera:** «Coro dos Peregrinos, do Tannhauser, de Wagner. **Contra o ciúme:** «Ouverture dos Mestres Cantores» de Wagner.

(*) Condensação do livro "Música e Medicina" de J. Carvalho Ribas (Nota da redação).

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo